

Organização
CITCEM/FLUP

Comissão organizadora
Carla Sequeira
Joana Lencart

Entrada Livre
www.citcem.org

As Oficinas de Investigação do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As Oficinas de Investigação do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.

OIC

— 2025
2026 —

CITCEM'S RESEARCH
WORKSHOPS

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM

S5

— 11-12-2025

— 14H30 —

FLUP —

SALA HUMANITIES LAB
[PISO 0, JUNTO À BIBLIOTECA CENTRAL]

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E RELIGIOSIDADE NO FEMININO (I): ENSAIO DE LEITURAS COMPARADAS ENTRE AS ORDENS MONÁSTICAS

PROPONENTE DA SESSÃO: JOANA LENCART & MARIA JOÃO OLIVEIRA E SILVA



ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E RELIGIOSIDADE NO FEMININO (I): ENSAIO DE LEITURAS COMPARADAS ENTRE AS ORDENS MONÁSTICAS

PROPONENTE DE SESSÃO: JOANA LENCART & MARIA JOÃO OLIVEIRA E SILVA

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

JOANA LENCART

Doutora em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2018). Investigadora contratada do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória da Universidade do Porto. Autora e coautora de livros e artigos científicos em revistas nacionais e internacionais e colaboradora em projetos de investigação nacionais e internacionais. Dedica-se ao estudo de História medieval; Ordens Religiosas Militares (Ordem do Templo e Ordem de Cristo), e à publicação e edição de manuscritos. Atualmente desenvolve um projeto financiado pela FCT orientado para a organização do património escrito da coleção Gavetas da Torre do Tombo (CEECIND/03863/2018).

Freiras, congreiras e doadoras: expressões de sociabilidade e religiosidade feminina na Ordem do Templo

Teoricamente, na Ordem do Templo estava vedado o acesso a mulheres. Todavia, a documentação deixa entrever expressões como freira, congreira, “sorores”, o que desafia a investigação a repensar o papel da figura feminina nesta ordem militar, cuja origem remonta aos inícios do século XII, no Oriente Latino, e cuja função era, essencialmente, de defesa e proteção dos lugares santos e dos peregrinos que aí se deslocavam. No território que se tornaria Portugal, a presença dos Templários é identificada desde meados da década de 1120. Data de 1153 o primeiro documento em que uma mulher e seu marido doam a terça parte dos seus bens com o objetivo de serem recebidos na “fraternidade”. O que nos propomos estudar, e dando continuidade a uma investigação recentemente iniciada, é de que forma as mulheres participam na Ordem do Templo – simples religiosidade e devoção, motivos económicos e financeiros? É o que nos propomos abordar aqui.

MARIA JOÃO OLIVEIRA E SILVA

Doutora em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2010). Dedicou o seu doutoramento às áreas da Paleografia e da Diplomática, debruçando-se sobre a documentação da Sé do Porto no período medieval. O seu projeto de Pós-Doutoramento centrou-se no tema “Ensinar e aprender a escrever em Portugal

na Idade Média”. Foi investigadora principal do projeto “Reconstrução de arquivos monásticos do norte de Portugal (da Idade Média ao século XIX) – RAM-NP”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Atualmente é professora auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora integrada do CITCEM-UP. Dedica-se, em especial, à investigação nas áreas da Paleografia e da Diplomática Medieval e Moderna, da História da Igreja e da História Custodial, assim como ao estudo e publicação de fontes.

Magistra docuit: o ensino nos mosteiros femininos do Porto nos inícios da Época Moderna

Os mosteiros, femininos ou masculinos, foram, desde sempre, espaços de sociabilidade por excelência. Nesta comunicação procuraremos dar protagonismo a um dos momentos privilegiados de interação e relação entre as monjas e freiras de instituições monásticas femininas: o do ensino e da aprendizagem da escrita. A partir das subscrições autógrafas de religiosas de vários mosteiros procuraremos compreender de que forma se ensinava e se aprendia a escrever em instituições femininas do Porto, no século XVI. Para tal, centraremos a nossa atenção nos modelos gráficos que estas religiosas aprendiam, praticavam e reproduziam; nos processos de aprendizagem destes modelos, e nas “mestras” que, dentro destas casas monásticas, as ensinavam a escrever.

PAULA ALMEIDA MENDES

Doutora em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2013). Atualmente, é Professora Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É Investigadora Integrada do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM-UP). Tem centrado os seus estudos na área da história e da literatura de espiritualidade, nomeadamente da hagiografia e da biografia devota, e da história do livro e da leitura.

Espelhos de devoção: torneios poéticos e representações teatrais em conventos femininos em Portugal (séculos XVII-XVIII)

As práticas devocionais revestem-se, na Época Moderna, em Portugal, de uma importância indubitável, assumindo múltiplas modalidades nas casas religiosas femininas. Assim o mostram os torneios poéticos ou representações teatrais que têm como propósito celebrar festas litúrgicas ou exaltar o culto dos santos. Tendo em conta este contexto, esta comunicação pretende chamar a atenção para alguns desses exemplos, declinados num texto que destaca um torneio poético realizado na moldura da celebração da devoção aos Santos Mártires de Lisboa, no mosteiro de Santos-o-Novo da Ordem de Santiago, e na obra *Festivo applauso*, em que uma religiosa como pastora, e os anjos como músicos, no convento de N. Senhora da Conceição das religiosas da senhora Santa Brígida, no sítio de Marvilla, celebrarão o nascimento do Menino Jesu (1737) de soror Arcângela Maria da Assunção. Procurar-se-á realçar os moldes em que se dinamizam as referidas práticas de devoção, destacando como aquelas casas religiosas femininas estimularam sociabilidades de vária natureza.